



Transição agroecológica: Da roça para agrofloresta.

MENDES NETO, Lúcio. O. R.¹; GUSMÃO, Luiz. A.¹; SILVA NETO, Luis. R.²;
OLIVEIRA, Letícia. S. C.³,

¹ ASSEMA, assemaproducao@assema.org.br, ² AVESOL, luisnetoribeiro@yahoo.com.br, ³ UFPA, leticia.agronomia@gmail.com

Eixo Temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo: Este resumo mostra como a transição agroecológica e a forma de ocupação do solo melhorou a qualidade de vida dos agricultores participantes do projeto. Devido à importância fundamental da palmeira babaçu na reprodução física, social e cultural das famílias agroextrativistas do Médio Mearim e a necessidade de melhor utilização dos recursos naturais, uma nova forma de uso da terra, conhecida como sistema agroflorestal, foi construída com a participação de muitas famílias que vivem nessa região. Essa iniciativa inovadora buscou potencializar os fluxos de energia e os ciclos da natureza, a fim de que os mesmos interajam favoravelmente ao manejo produtivo das palmeiras.

Palavras-Chave: Sistema agroflorestal; Agroecologia; Corte e queima.

Contexto

O projeto iniciou-se em 2016 e está implantado no Território da Cidadania (TC) Médio Mearim, nos municípios de Bacabal e Lago do Junco Maranhão, onde se encontra o Bioma Cerrado e a zona de transição entre os Biomas Amazônia, Cerrado e Caatinga.

Ao longo dos anos, essa região perdeu muito da sua cobertura florestal nativa, por conta do desmatamento para abertura de pastagens e agricultura extensiva. A palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.), que sempre esteve presente na rica composição da vegetação originária que cobria o território, acabou dominando a paisagem em sucessão, se tornando a espécie florestal predominante, cobrindo vastas áreas chamadas de babaçuais.

Devido a essa situação a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão – ASSEMA elaborou o Projeto intitulado “APL BABAÇU: uma experiência das quebradeiras de coco da Pré-Amazônia Maranhense” visando criar um plano de manejo florestal para o babaçu e implantar áreas de sistemas agroflorestais (SAF) em consórcio com a palmeira babaçu.

A ASSEMA é uma organização de natureza associativista, sem fins lucrativos e/ou econômicos, possui caráter regional, foi fundada e é dirigida por agricultores (as) extrativistas do coco babaçu, há 30 anos. Estes sujeitos compõem e representam associações de mulheres extrativistas, comunidades quilombolas, associações de assentamentos, cooperativas de produção e comercialização, sindicatos rurais,



associações de jovens e grupos produtivos informais. Todos os seus projetos são pautados na sustentabilidade dos arranjos produtivos locais com base agroecológica e prestação de serviços de ATER destinado a famílias de agricultores/as visando consolidar e ampliar processos de promoção da agroecologia existentes na região do Médio Mearim.

Descrição da Experiência

Essa transição agroecológica da roça para agrofloresta se deu através da escolha das famílias com aptidão para desenvolvimento da atividade, com área mínima de 1 ha/família. No primeiro ano foi implantada a roça convencional com culturas alimentares de ciclo curto (arroz, feijão, mandioca e milho) essas áreas foram preparadas tradicionalmente de acordo com o sistema corte e queima típico da região. Como prática comum entre os agricultores, após a colheita as áreas são abandonadas e passam por um período de pousio de aproximadamente 04 anos, no entanto essa prática agrícola está em crise, pois depende da disponibilidade de novas áreas para ser feito o mesmo processo novamente, e muitas vezes esses agricultores apresentam áreas agricultáveis pequenas, o que torna a prática insustentável. Então para implantar o projeto esperamos o prazo de colheita do primeiro ano e fizemos o plantio de mudas frutíferas tais como abacaxi, açaí, acerola, banana, cajá, caju, maracujá dentre outras e de espécies florestais como aroeira, eucalipto, castanha do pará, mogno dentre outras, respeitando um arranjo espacial de distribuição das espécies na mesma área. Após o plantio das mudas, ano após ano vemos inserindo espécies agrícolas que apresentam função de recuperar o solo através da ciclagem de nutrientes e fixação de nitrogênio como feijão guandu e ingá (Figura 01A).

Economicamente hoje os sistemas agroflorestais são considerados como uma forma de uso da terra capaz de garantir produção agrícola e, ao mesmo tempo, conservar os recursos naturais, proporcionando aumento da renda e promovendo segurança alimentar e nutricional para as famílias.

Alguns desafios foram encontrados e estão ligados principalmente a mudança de concepção do sistema produtivo convencional e a condução dos sistemas agroflorestais como a prática de manejo e tratos culturais das espécies frutíferas e florestais. E para enfrentar esses desafios são feitas constantes visitas técnicas as unidades de produção familiar e são feitas palestras e seminários para capacitar os agricultores (Figura 02). A estratégia de agregar toda a família durante as visitas técnicas fortalece a prática dos sistemas agroflorestais, pois a mão de obra familiar dessa atividade é geralmente desenvolvida por mulheres e jovens, pois caracteriza uma renda extra da atividade predominante que é a quebra do coco babaçu (Figura 01B).

A experiência envolve 69 unidades de produção, sendo 40 unidades de produção em Lago do Junco/MA distribuídas em 28 famílias pertencentes a AMTR – Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues e 12 famílias pertencentes a COPPALJ – Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas



de Lago do Junco e 29 unidades de produção em Bacabal/MA, sendo distribuídas entre as famílias beneficiárias da Associação Vencer Juntos com Economia Solidária (AVESOL), sendo 11 famílias no PA Bela Vista, 11 famílias no PA Sincorá, 06 famílias no PA Seco das Mulatas e 01 família na comunidade Outeiro.



Figura 01. A – Vista geral do SAF da família da Dona Dora na comunidade São Manoel em Lago do Junco/MA; B – Família da Dona Dora, beneficiária do projeto por parte da AMTR.



Figura 02. A – Visita técnica com as famílias da COPPALJ no município de Lago do Junco/MA; B – Colheita de feijão na comunidade Sincorá no município de Bacabal/MA.

Resultados

A prática agroflorestal na região vem se mostrando uma atividade muito promissora, haja vista o aumento da diversificação agrícola das unidades de produção gerando renda para as famílias, pois muitas estão acessando novos mercados (PAA, PNAE) o que vem contribuindo para consolidar os sistemas agroflorestais e, conseqüentemente, ampliará as áreas com esses sistemas produtivos diversificados. Com possibilidades de escoar a produção em diversos canais de comercialização, as famílias se sentem motivadas a trabalharem com manejo agroflorestal nas áreas de ocorrência de babaçu, reduzindo focos de queimada, recuperando áreas degradadas,



conservando as espécies florestais nativas e resgatando a biodiversidade do Médio Mearim.

Tais experiências vêm sendo mostrada aos demais agricultores das comunidades beneficiárias que não foram atendidas pelo projeto, pois os relatos de sucesso servem de incentivo para os demais agricultores adotarem essa prática. De maneira lenta essas áreas estão sendo ampliadas, pois o valor de implantação de 01 ha de SAF ainda é alto e a empresa num segundo momento não tem recurso para atender esse aumento, então de forma sucessional essa áreas vêm sendo ampliada com recursos próprios.

Foi criado um canal no YouTube que contem alguns vídeos que relatam tais práticas, esses e outros vídeos estão divulgados através dos links: <https://www.youtube.com/watch?v=1N0i67CfAn4> e <https://www.youtube.com/watch?v=rQN5RDMMB1M>

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a todos os parceiros deste projeto, ao Fundo Amazônia agência financiadora, ASSEMA por executar o projeto de forma exemplar e a todas as famílias beneficiárias pelo projeto, a COPPAL e AMTR por todo o apoio que nos é dado.

Referências bibliográficas

Disponível em: <<https://assema.org/>>. Acesso em: (04/07/2019).